

Educação: as décadas perdidas

CORREIO BRAZILIENSE

Samuel Cogan

A educação brasileira estagnou por décadas, ou nunca decolou. Se no texto acima não estivesse registrado que o mesmo fora escrito 68 anos atrás, dir-se-ia que acabara de ter sido escrito, tal sua validade nos dias de hoje.

Educação é investimento e seus resultados são colhidos no longo prazo. O Japão há cem anos investiu em educação, e hoje representa o país mais competitivo onde existe apenas um por cento de analfabetos e 90 por cento têm o segundo grau completo.

Queiram os céus, para nós brasileiros, que o texto acima fique desatualizado o mais breve possível. Exortações como a de 1924 perdem-se nos meandros burocráticos/políticos desta Nação, e ainda hoje tudo está por se fazer. A revolução que o País anseia na área da educação, se feita hoje, já estaria atrasada, tal sua prioridade para o desenvolvimento e bem-estar de uma população.

Lee Iacocca, o protótipo do empresário americano bem-sucedido e grande nacionalista na defesa dos produtos de seu país, em face da

15 JAN 1993

concorrência nipônica, também é enfático em relação à educação nos EUA, quando comprada com a japonesa, o que justifica como uma das causas da perda da supremacia americana. Diz ele que, enquanto um estudante americano permanece em sala de aula 180 horas por ano, o aluno japonês recebe 240 horas, e ao final do secundário terá estudado de um a três anos mais que o americano. Com relação à valorização do professor, que tão marcante influência desenvolve nos seus alunos, comenta Iacocca que nos EUA ele ganha pouco menos que um carteiro — no Japão o professor está entre os dez por cento de profissionais mais bem pagos. Prosseguindo em seus comentários, cita que em 1986, quando o governo Reagan anunciou um corte de cinco bilhões de dólares em educação, o então reitor de Harvard teria dito: "Se não querem educação, experimentem a ignorância".

Parece que tal foi a opção utilizada em Nosso País — ao invés de educação, ofereceu-se ignorância. Somente isso pode justificar um contingente tão elevado de analfabetos, nos quais também incluímos

aqueles que, embora saibam desenhar seus nomes, são incapazes de interpretar um parágrafo que seja.

O inimigo cruel a que o texto faz referência, o analfabetismo, degrada o ser humano, o infelicitá e impede que saia de uma situação de extrema pobreza. Não deixaremos de ser um país terceiro-mundista se persistirmos em conviver com essa chaga, para cuja solução grande dose de vontade política certamente é exigida. Os políticos/governantes estão mais atentos àqueles empreendimentos de resultados imediatos e que dão voto, em vez de planejarem o equacionamento de um mal que destrói o País e cujos frutos só irão aparecer muitos anos à frente, quando os políticos/governantes já serão outros.

Enquanto semelhante estado de coisas não muda, um texto que de forma contundente representava a dura realidade da educação em 1924, para vergonha de nós brasileiros, permanece incólume no tempo.

■ Samuel Cogan é professor da Fundação Getúlio Vargas